

## Errâncias

Susana L. M. Antunes

Com duplo significado, o verbo *errar*, do latim *errare*, pode comportar o sentido de erro, engano; se partirmos para o particípio presente do mesmo verbo, obtemos a palavra *errantia*,<sup>1</sup> palavra plural que significa errâncias e cujo significado se situa no âmbito de desvio, afastamento, extraviar-se e também, no sentido de caminhar, progredir, avançar, aproximando-se, assim, da ideia de viajante. Neste sentido, a palavra errância, na sua raiz etimológica, é marcada por uma ideia conotada de alguma negatividade. No entanto, há sempre duas faces na mesma moeda e, a palavra errância não foge à regra. Assim como *Janus*, deus romano, representado com duas faces – uma olhando para a frente e outra olhando para trás – também a palavra *errantia* é suscetível de apresentar duas itinerâncias opostas, mas que se complementam: a itinerância negativa e a itinerância positiva. A primeira e a mais comum, como já se mencionou, contrasta com a segunda e a menos comum opção. Neste sentido, a ideia de *errantia* imprime e perspetiva a noção da possibilidade de, ou seja, a partir da errância é possível construir-se um percurso, ainda que errante, positivo.

Acredito que a vida é inefável; muitas vezes, insuportável, incómoda, enganosa e injusta; outras vezes, atraente, estimulante e desafiadora. Não que tudo dependa só da nossa atitude, mas também obedecerá, de certa forma, ao modo como nos colocamos e encaramos a vida que nos atingiu e que é a nossa, por sorte ou por azar. Se mergulhamos no mar porque o amamos, se mergulhamos no mar porque fomos forçados a tal, se mergulhamos no mar porque não há outra opção ou porque, simplesmente, nos acomodamos as consequências serão, inevitavelmente, diferentes. Não piores, nem melhores. Mas diferentes.

A partir destas palavras, estão lançadas as pedras que me têm servido de *leitmotiv* para uma caminhada errante, com alguns dissabores pelos entremeios, mas saborosa. Ou não soubéssemos que há pedras de várias castas, de diferente composição geológica, que rolam menos ou encalham mais... O seixo, por exemplo, macio e arredondado; a pedra pomes, porosa e leve; o granito, resistente e brilhante; o xisto, preto e frágil...

Nasci em terra de granito-seixo, no norte de Portugal, fronteira com a Galiza, banhada pelo Atlântico e serpenteada pelos rios Minho e Coura – Caminha, uma vila que pertence ao distrito de Viana do Castelo. Da janela da casa dos meus pais via o rio Minho e A Guarda (La Guardia, em castelhano), no outro lado do rio. A proximidade visual com aquela parte da Galiza sempre me fez sentir que aquele também era o meu mundo. Conforme a posição das nuvens no cimo do monte de Santa Trega (Santa Tecla, em castelhano), assim as previsões do tempo para o dia seguinte. Aprendi estas lições muito cedo com os pescadores – sábia gente do mar e da terra – que eu procurava para saber as previsões do tempo. Isto porque já na altura era curiosa sem o saber e não gostava de dias de chuva porque tinha que apanhar o comboio todas as manhãs para Viana do Castelo, onde frequentava o liceu. Ainda hoje, olhando para os diferentes céus que têm feito parte da minha vida, vou

---

<sup>1</sup> A palavra *Errantia* também é a designação para uma subclasse de vermes anelídeos marinhos pertencentes à classe dos *Polichaeta*.

desenvolvendo, localmente, aquelas aprendizagens, integrando as especificidades dos lugares. Apesar de todas as informações online sobre *the weather*, ainda gosto de olhar para o céu e pensar no tempo para o dia seguinte!

A Guarda era-me mais familiar que a cidade do Porto. Íamos para A Guarda como quem ia a uma vila vizinha. Os de A Guarda vinham a Caminha da mesma forma. As trocas de experiências culturais, linguísticas, comerciais, eram naturalíssimas e hoje sei o quanto aprendi com a interação diversificada a que fui exposta desde que me conheço. Fui privilegiada no sentido de ter tido a possibilidade de experienciar uma interação múltipla, natural e espontânea. Os galegos e os espanhóis, vinham “mercar” e comer a Caminha; nós, íamos ao outro lado comprar pimentão, *turrón* e respirar outros ares que também eram necessários.

A minha ligação aos Açores começou na escola primária, tinha eu sete anos. Como gostava muito da escola antes de a frequentar, a minha mãe foi-me ensinando as primeiras letras e os números em casa. Quando fui para a primeira classe, a professora sugeriu que eu fizesse um exame para frequentar a segunda classe porque ali estava a perder tempo e a aborrecer-me. Assim foi. Quando cheguei à sala da segunda classe fiquei em choque! Era-me completamente impossível compreender o que a professora, a Dona Vitorina, dizia. Era de São Miguel e eu simplesmente não a entendia. Ela era doce e eu gostava dela, mas não percebia quase nada do que ela dizia. Não chorava na escola, mas chorava em casa e não queria voltar. Logo eu que que adorava os cadernos, os lápis, os livros e os cheiros destes materiais.... Claro que a minha mãe não cedeu à frustração dupla que eu estava a viver no meio daquela barreira linguística: queria muito estar na escola, mas não conseguia entender a professora. Chorava pelas duas situações. Senti-me desolada e a viver um dilema, talvez o primeiro da minha existência. Mas, lá me fui acostumando e fiquei com a professora dos Açores até à 4ª classe... perfeitamente bem.

Os Açores voltaram a tocar a minha vida e, um dia, a vida levou-me até à Universidade dos Açores onde acabei por fazer a licenciatura em línguas e literaturas modernas e o mestrado. Tempos felizes de muito estudo e de paixão – conheci o Paulo, angolano-terceirense.

Durante o estágio na Escola Secundária Domingos Rebelo, fui professora de português de uma turma composta por alunos da freguesia de Rabo de Peixe. Quando me ouviram falar pela primeira vez, disseram-me que eu falava como no tempo dos reis! Fiquei sem resposta e perguntei porquê. Resposta simples: porque eu usava o pronome pessoal vós. Nunca tinha sido confrontada com esta situação. Durante esse ano de experiências extraordinárias, os alunos e eu tivemos muitas adaptações linguísticas! Hoje, já uso com mais frequência vocês, mas quando regresso a Caminha volto ao vós naquilo que também considero o que tem sido uma perfeita errância linguística na minha vida. Uma errância paralela que me faz sorrir e sentir maleável. A maleabilidade também pode ser uma qualidade e, se Calvino se tivesse lembrado de a incluir nas *Seis propostas para o Milénio* ter-me-ia ajudado, certamente, a entendê-la melhor uma vez que agora devemos ser maleáveis/flexíveis em todas as direções, domínios e interações e ocasiões e... e...

No final das licenciaturas, resolvemos ir para a Terceira porque nos parecia ser o caminho para o nosso lugar. Estivemos juntos na Terceira pouco tempo porque ser professor nos Açores implica andar de ilha em ilha sem casa às costas. E não demorou muito tempo para que o Paulo fosse colocado numa escola de São Jorge. Eu fiquei na Terceira a lecionar na escola Vitorino Nemésio. Depois de ter assumido que não iria voltar para Portugal a não ser nos períodos de férias, acontece o meu grande primeiro choque e a realidade da separação entre ilhas sentida na pele. Superámos esse ano com idas minhas a São Jorge sempre que possível. Agradei ao mau tempo o encerramento do aeroporto durante uma das minhas visitas... e festejamos a minha permanência na ilha por mais uns dias!

Entretanto, ambos concluímos o mestrado e o Paulo muda-se para São Miguel para frequentar o doutorado na Universidade dos Açores. Eu continuei na Terceira. Nova separação, mais viagens e mais resistências... Depois de feita a parte curricular, decidimos que iríamos voltar os dois,

novamente, à ilha de São Miguel. Eu concorri às escolas da ilha e fui colocada na escola da décima ilha: o Nordeste. Lá vivemos um ano. Experiência única porque ainda foi na altura da antiga estrada que ligava o Nordeste a Ponta Delgada, sendo necessário conduzir 1:30 para cada lado. Lembro-me que tínhamos que encomendar o jornal Expresso para chegar ao Nordeste às segundas-feiras. Nesta altura, estávamos convencidos de que iríamos permanecer na ilha verde. Compramos uma casa no Pico da Pedra, na rua do Pinheiro, num momento da economia portuguesa aparentemente favorável à compra. Estávamos cheios de paixão por uma casa com quintal, cheio de verduras, árvores de fruto, enfim... um sonho a dois interrompido. Porquê? Porque viver nas ilhas e efetivar no quadro da região como docente, implicou que eu tivesse sido recambiada para a Ilha do Pico, escola de São Roque, por três anos. E lá fui e lá ficou o Paulo a tratar da casa no Pico da Pedra e dois cães que tínhamos adotado – um na Terceira, o Tobias, agora com 21 anos, e a Iris, nordestina, que completará 19 anos em novembro próximo. Quando chegou o momento de eu viajar para me instalar no Pico, fomos os quatro de barco para São Roque do Pico. Víamo-nos uma vez por mês. Era dispendioso viajar entre ilhas naquela altura. A ideia de viagens *low-cost* ainda não tinha chegado aos Açores! E não vai assim há muito tempo (isto começou em setembro de 2004), mas ainda não existiam as facilidades comunicativas que hoje temos à disposição. Apesar de tudo o que ambos sofremos em silêncio, tendo unicamente o mar como testemunha, permanecemos juntos ao longo desses três longos anos... As vicissitudes pelas quais fui obrigada a passar, nunca me impediram de avaliar o quanto fui feliz no Pico como professora. Os meus alunos picarescos e eu aprendemos muito juntos e fizemos um trabalho extraordinário de promoção pelo gosto da aprendizagem da língua e da literatura portuguesa. Sei que o trabalho desenvolvido na escola de São Roque nunca mais se repetirá! E depois de todos estes anos, ainda tenho notícias de São Roque do Pico!

Passados três anos na Ilha do Pico, regresso à escola da Maia, São Miguel, para um período de mais três anos. Regressei de novo de barco, desta vez sozinha, mas com alguém muito especial à minha espera! Foi uma espécie de regresso a casa, sem ter a noção de casa porque nunca tinha tido tempo para viver naquela que foi comprada para ser a nossa casa – pergunto-me, o que diria Bachelard a este respeito?

Gostei de viver os três anos seguintes no Pico da Pedra e de lecionar na escola da Maia. Os meus alunos eram, como em todas as escolas por onde já tinha passado, as melhores pessoas. Ensina-se francês e alguns não tinham o mínimo interesse naquela língua. Um dia, um aluno confessou-me que não era nada útil para ele aprender francês porque no final do 9º ano ele ia “para as vacas”. Achei que ele tinha razão, mas tinha que lhe proporcionar outra perspetiva. Então disse-lhe que o francês lhe poderia ser útil mesmo “indo para as vacas”. E se de repente uma das vacas tivesse nascido na França? Poderia acontecer... ele riu-se e compactuou comigo nas aulas de francês!

Interagi muito com a comunidade e vivia muito no meu quintal. Começámos a fabricar o nosso queijo em casa, a fazer pão, a criar fruta e legumes variados, mas mesmo assim havia qualquer coisa que me fazia vacilar. Não sei se a vida na escola, não sei se a vida na ilha... Mas, tenho a certeza de que a péssima experiência do Paulo na Universidade dos Açores estava a arruinar o nosso sossego.

Um dia, o Paulo chegou a casa e disse que havia uma bolsa, sobre a qual eu já não sei dar os detalhes, para um investigador pesquisar durante um ano numa universidade nos EUA. Nem pensei duas vezes quando lhe disse, concorre! Ficou muito admirado, mas felicíssimo. E eu mais do que contente com a repentina perspetiva de poder ficar longe de tudo durante um ano. Sim, queria-me distanciar de tudo o que tinha.

O Paulo concorreu, escolheu a UMass Amherst para desenvolver o seu projeto de *postdoc* na área da hidrogeologia e conseguiu a bolsa. Mais sacos, mais uma partida, mais tanta coisa... Fomos para Amherst para ficarmos um ano, o tempo permitido pela bolsa.

Tentei esmerar-me como dona de casa, mas rapidamente dei comigo a visitar o Departamento de Espanhol e Português da UMass Amherst. Conheci alguns professores e comecei-me a apaixonar pelas

aulas que, entretanto, comecei a assistir como *auditor*. O fascínio por aprender de novo irrompeu de mim. Estar em aulas onde os alunos podiam participar, onde os alunos eram valorizados, etc. foi um fascínio inenarrável para quem vinha de um sistema de ensino totalmente diferente e desestimulante, salvo raras exceções.

Abreviando... decidimos tentar ficar mais tempo. O Paulo continuaria a trabalhar no seu projeto na UMass Amherst. Eu, graças ao incentivo de uma pessoa extremamente importante na minha errância americana, concorri para o programa de doutorado da UMass Amherst e fui aceita. No *campus* da universidade, vivemos quatro anos tremendamente trabalhosos, mas muito gratificantes para ambos.

Estávamos quase de malas feitas para New Jersey porque o Paulo tinha conseguido um trabalho, não muito bom, mas era um trabalho. Recebo um telefonema da UW-Milwaukee para uma posição de *lecturer*. Alguém me tinha recomendado. Passados os trâmites que estes processos implicam, demos meia volta aos planos e viemos para Milwaukee em agosto de 2016. Entretanto, estou no processo de *tenure*. O Paulo trabalha na sua área a 40 minutos de casa. Estamos tranquilos, mas sempre de porta aberta!

Cultivei, desde sempre, um apego aos Açores que defendo como se fossem crias minhas. Não suportava os meus colegas do continente dizerem: “não aguento mais isto! Preciso de voltar para a civilização!” E, alguns deles, vinham de terras que eram mais buracos do que as ilhas. E por aí fora... O Paulo foi levado a tribunal por um sindicato de professores quando lecionava em São Jorge numa insurgência contra uns escritos dele a propósito de questões relacionadas com o ensino naquele tempo. Ganhámos a causa!

Sei bem o que significa viver nas ilhas. Não sou natural dos Açores, mas costumo dizer que os trago na alma e no coração. Defendo os Açores com a estranha energia de quem não é nascida nas ilhas, mas de quem viveu e conhece a essência do ser açoriano em diferentes ilhas, latitudes e marés. Não defendo os Açores por conveniência porque também sou capaz de ver as coisas menos boas que existem em todos os lados, mas que nos Açores têm contornos “especiais”. Envolvi-me muito nas ilhas onde vivi. E a minha maior mágoa foi sentir que não fazíamos parte de qualquer coisa que transcende a terra, o mar, os cheiros... mas que entra no domínio do pior que o humano tem!

Tenho família e amigos em várias ilhas. Vou todos os anos aos Açores e sinto sempre a estranheza de não ter encontrado uma ilha onde pudéssemos pousar.

Por outro lado, a minha experiência neste país, apesar de tudo e porque o paraíso neste planeta não existe, tem sido extremamente enriquecedora. Tive a oportunidade de continuar a ser uma aluna e de continuar a ser professora – dois modos de estar na vida que sempre me acompanharam. Sei que ainda tenho muito para aprender. Faço-o com o maior prazer. Ensino com prazer redobrado porque também aprendo com os meus alunos.

Sou caminhense, mas não sou só caminhense. Também sou micalense, terceirense e picarota (quando cheguei à escola de São Roque do Pico perguntaram-se se eu era das ilhas de baixo!).

Sou das escolas açorianas por onde passei. Sou UMass Amherst e sou UW-Milwaukee.

Não sou dos Açores, sendo.

Não sou daqui (Milwaukee) já sendo, porque em estando, já sou.

Quero aprender nos livros para ensinar de mãos dadas com a vida – a vida que eu quero levemente pesada. Sou feita de errâncias, múltiplas e diversificadas; nem sempre bonitas, nem sempre coloridas, nem sempre alegres, mas sempre enriquecedoras da minha alma. Caminhada após caminhada, com mais ou menos curvas, com mais ou menos pedras no caminho, sei que sou privilegiada no percurso com que a vida me tem abraçado. Talvez devesse fechar as portas, mas não posso. Vivo de portas abertas, sempre com a curiosidade infantil de querer saber o que está para além do visível e o que vai ser o amanhã! Os meus pais sempre me disseram que eu fazia muitas perguntas. Ainda não consigo não perguntar! Todas estas errâncias fazem parte do colorido da minha vida e de cada vida que tem

passado pela minha vida – gotas da essência que me sustentam a alma e me vão acrescentando dia após dia, caminhada após caminhada, errância após errância. Em cada gota uma vida, uma lição, um carinho e uma saudade... Vida feita também de gotas de outras pessoas que vão, naturalmente, fazendo parte da nossa vida num labor contínuo para que, de gota em gota, possamos desenhar um rio por onde deslizaremos suavemente ampliando vidas e almas em partilha constante para que, juntos, possamos inventar mais um lugar no mundo!

De onde vivo não vejo a Galiza, mas se olhar em linha reta vejo o imenso lago Michigan que me proporciona a levitação de que necessito na luta incansável, mas saborosa, pela transformação do peso da vida em leveza – naquela leveza particular de Calvino. Vamos errando, vamos preenchendo o nosso fio com as pedras mais bonitas que conseguimos encontrar pelo caminho...

Fica a faltar, pelo menos, a errância do regresso à Europa... um dia... uma errância que será a para unir o cordão que, em filigrana, vai delineando vidas que não sabemos onde vão desaguar!

Talvez seja melhor assim.